

BE QUEEN, BE QUEER: A PERFORMATIVIDADE DO GÊNERO ATRAVÉS DA DRAG ARTE

RODRIGO MATOS¹; **GRAZIELE MÔNICA CARDOZO²**; **CAROLINA BONILHA³**

¹*Universidade Federal de Pelotas – rod.matos94@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – grazi_cardozo@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – bonilhacaroline@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A *Drag Queen* habita o espetáculo, propicia uma paixão pelo artifício e enxerga o mundo como tal: um fenômeno estético. O contexto associado ao mundo *Drag*, faz com que, por meio da extravagância, se questione o normal, o comum e as regras sociais heteronormativas impostas. É possível, a partir disto, considerar a *Drag Queen* uma persona de caráter político que se utiliza do artifício e da teatralidade exagerada para desconstrução e, por sua vez, a reinvenção das concepções sobre o masculino e feminino.

A seguinte escrita visa contextualizar e discutir a fluidez da relação de gêneros através do devir *Drag*. Utilizando-se de teóricos como JUDITH BUTLER (2002), SUSAN SONTAG (1987) E DENILSON LOPES (2002) para propor diálogos e reflexões acerca da excêntrica figura da *Drag Queen*. Trazendo o imaginário *camp* e a teoria *Queer* como fonte para análise deste corpo, comprehende-se o segundo como tal: “É o excêntrico que não deseja ser integrado e muito menos tolerado [...]. *Queer* é um corpo estranho que incomoda, perturba, provoca e fascina” (LOURO, 2002).

O surgimento da teoria *Queer* nos anos 90 permitiu uma aproximação teórica da *Drag Arte*, que até então não existia, além de proporcionar um grande avanço para os estudos de gênero como um todo. A teoria *Queer* tem como referências os estudos dos pós-estruturalistas franceses juntamente com os estudos culturais norte-americanos. De acordo com JUDITH BUTLER (2002), é pela natureza caricata e extravagante que se propaga a intenção do discurso político da *Drag Queen*, pois a postura assumida por tal performance dá margem para acrescentar significados através da estética criada.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa possui caráter qualitativo, tendo a investigação de cunho bibliográfico como método para compreender e discutir a respeito da *Drag Arte*, utilizando como principais referências para este texto os autores: SUSAN SONTAG (Notas Sobre o *Camp*, 1986) e DENILSON LOPES (Terceiro Manifesto *Camp*, 2002) para embasar o imaginário e o lúdico utilizado de forma caricata pela persona *Drag*; e, por fim, JUDITH BUTLER (Sexualidades transgredoras. Una antología de estudos *Queer*, 2002), no que tange discursar sobre a desconstrução de gênero, entende-o como uma construção cultural, para, com isso, perceber como a *Drag Queen* transita por ambos – feminino e masculino – de forma a propiciar a fluidez.

Por meio dos estudos sobre o *Camp* é possível compreender a estética que a *Drag Queen* cria em seus espetáculos, e como as questões de gênero estão inteiramente atreladas a esta performance, tornando inevitável falar sobre teoria

Queer para pensar o contexto no qual a artista está inserida em relação as discussões de gênero.

Logo, a pesquisa, nesse ponto, implica em realizar uma abordagem em torno das problematizações levantadas pela performance da *Drag Arte* com a finalidade de realizar reflexões sobre a mesma. O método se torna uma ação viva na pesquisa, e se apresenta de forma concreta: nas ações, organização e desenvolvimento do trabalho. Apresentando, com isso, a forma pela qual nos colocamos em relação com o mundo (GATTI, 2010). Tal ato vivo, que é a pesquisa, vai corresponder no decorrer de sua elaboração a contextualização da persona *Drag Queen* enfatizando as questões políticas de sua performance.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No momento, a pesquisa se encontra em processo de desenvolvimento. Ainda realizando análises a respeito do referencial teórico citado durante o corpo do texto e de leituras complementares a este, citadas nas referências do mesmo. Por meio de relações, às quais são traçadas durante a pesquisa, é possível analisar a *Drag Arte*, abrangendo as discussões geradas a partir da estética, discurso e gênero propiciadas pelo devir *Drag*.

Logo, pode-se compreender a performance da *Drag Queen* como espécie de superação do gênero através da ação performática, a mesma se encontra inteiramente vinculada à transgressão das normas sociais, que consideram como regra normativa o gênero binário e a ordem social do *cisgênero* dominante. Tal construção implica em um devir *Drag* que exige determinados conhecimentos sobre gênero do qual será interpretado. Compreende-se o devir como estar no meio, se permitir estar em relação. No caso da *Drag Queen*, ela se coloca entre gêneros, permitindo criar um novo corpo: adquirindo, desta forma, uma nova estrutura corporal, e, prontamente, uma reinvenção de si próprio, que passa por um diálogo entre o universo masculino e feminino. O devir é uma é mudança constante.

Para ELIEANE BORGES BERUTTI (2003), este artistas se definem, principalmente, como “ilusionistas de gênero”. Os mesmos passam por determinados rituais de metamorfose para atingir a estética desejada, se utilizando de perucas, maquiagens, roupas e acessórios para a criação de códigos do seu novo ser. Através da performance, estes signos tornam-se transgressores em relação ao “novo” corpo, permitindo levantar questionamentos sobre a fluidez dos gêneros, sendo que, no panorama no qual estão inseridos não permite a separação do sexo biológico e da identidade social. Segundo BERUTTI (2003), a experiência *Drag* enfatiza uma brincadeira com os significados do que é ser “homem” e do que é ser “mulher” por via lúdica e cênica.

Portanto, a *Drag Queen* é uma persona criada pelo artifício, pelo lúdico e pela extravagância. O estilo da *Drag Queen* se adentra a sensibilidade do artista, neste tipo de ação performática, as formas exageradas e os gestos hiperbólicos contribuem para a sua performance “[...] trata-se de encarnar, ao mesmo tempo e a partir da teatralidade, as propriedades simbólicas responsáveis pela divisão do mundo em dois gêneros” (SONTAG, Apud. SANTOS, 2002). Esta extravagância está associada ao *Camp*, que para DENILSON LOPES, “está vinculado a uma sensibilidade gay, não necessariamente pessoas gays” (BABUSCIO, J.: 1992, 20 apud. LOPES). Todavia, a afetação e o gosto pela extravagância, da qual esta sensibilidade dispõe se faz inerente à subversão da norma social na qual estes sujeitos estão inseridos. Logo, temos na *Drag Queen*, uma ação performática, um

elemento do rito de caracterização que ganha caráter político quando, por meio de sua aparência, desafia as normas regulatórias da sociedade enquanto promove o incerto, indeterminado e a fluidez.

4. CONCLUSÕES

A presente pesquisa se encontra em desenvolvimento, visto que ainda se faz necessário não somente contextualizar o meio social no qual a *Drag Arte* está inserida, como também analisar as peculiaridades do seu fazer artístico, traçando relações do mesmo com a performance na arte contemporânea.

Através do intermédio do viés *Camp*, podemos compreender a *Drag Queen* como uma amante da encenação, do lúdico e do artifício, que propõe viver na ordem do espetáculo, da ambiguidade, de tal forma que o teatral e o real se tornam intrínsecos neste ser. Com isso, a *Drag Queen* causa uma provocação ao mundo enquanto mantém sua pose no centro do palco.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERUTTI, Eliane Borges. *Drag kings: brincando com os gêneros. Gênero*. Niteroi, v.4, n.1, p. 55- 63, 2003.
- BUTLER, J. Criticamente subversiva. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras. Una antología de estudios Queer**. Barcelona: Icária editorial, 2002.
- GATTI, B. A. **Algumas Considerações Sobre Procedimentos Metodológicos Nas Pesquisas Educacionais**. FCC/ PUC-SP, 2010.
- LOPES, D. Terceiro manifesto *Camp*. In: **O homem que amava rapazes e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.
- LOURO, G. L. O corpo estranho. **Ensaio sobre sexualidade e teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- SANTOS, J. F. Cara, Coroa e Rainha: Gênero no espelho das *Drag Queens*. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2013.
- SONTAG, S. **Notas sobre o Camp**. In: **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LPM, 1987
- SOUZA, R. O que o *Camp* tem a nos dizer em 2014? **23º encontro da ANPAP – Ecossistemas Artísticos**. 15 a 19 de setembro de 2014 – Belo Horizonte.